

Belém evoluiu 3,69% em escolaridade

EM TRÊS ANOS

Melhor desempenho, segundo dados da FGV, foi de Palmas, que evoluiu 9,7%

IRINA CAVALCANTE
Da Redação

O Brasil cresceu nos últimos anos. Disso ninguém tem dúvidas. E não apenas em indicadores econômicos, mas também em políticas sociais como acesso à educação e redução da pobreza e das desigualdades. Entretanto, tal como numa Olimpíada - em que fatores como resistência, esforço e estratégia são levados a termo na hora de estabelecer os vencedores - os gestores que aplicaram maior empenho, colheram melhores resultados no final. Um estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) foi conclusivo nesse sentido e mostra que Belém ainda tem muito caminho a percorrer se quiser chegar ao topo.

Motivada pela escolha do Rio de Janeiro como sede olímpica de 2016, a instituição - fazendo analogia dos mandatos, que, como essas competições, tem a mesma periodicidade - lançou o "Performance social das 27 capitais brasileiras entre mandatos de prefeitos". Um amplo estudo sobre os indicadores sociais das capitais brasileiras com o objetivo de mostrar a evolução dos três últimos



Taxista **Irineu Silva** justifica sua qualidade de vida: "Hoje eu tenho mais porque trabalhei mais para conquistar isso"

mandatos (1996 - 2008) no que diz respeito a temas essenciais para o progresso de uma nação: educação, o combate à miséria e a desigualdade.

O estudo foi feito com base nos dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (Pnad) e o da Pesquisa Mensal de Emprego (PME). Desta forma, foram analisadas estatísticas de direta responsabilidade

dos prefeitos, como o funcionamento do pacto federativo, a frequência no ensino fundamental, mas também de outras variáveis que dependem muito mais de ações de outros níveis de governo, setor privado e da sociedade civil do que do poder local, como a desigualdade da renda, pobreza e participação nas classes mais altas.

"Acreditamos que embora,

neste contexto as relações de causa e efeito entre a ação de gestor local e o bem estar da população não sejam inequívocas, os indicadores aumentam o grau de responsabilização dos mesmos e da transparência em relação à população local", explicou o organizador do estudo, Marcelo Néri.

E o resultado disso foi que, ainda que exista uma linha

média de melhora entre as cidades, há aquelas que se destacam. Um exemplo disso é Palmas (TO), que avançou fortemente na questão da escolaridade entre 1996 e 2008. Saíndo de 82,33, obtidos no início de 1997, para 90,31, no final de 2008. Uma evolução de 9,7%, o melhor desempenho do país.

Belém evoluiu apenas 3,69%

Estudo mostra que Belém ainda tem muito caminho a percorrer se quiser chegar ao topo

no período e conquistou o 19º lugar nesse ranking. Se entre 1997 a 1999, a frequência das crianças, entre 4 a 17 anos, na escola era de 88,77 pontos - a oitava melhor posição do país - no mandato seguinte, a capital paraense perdeu cinco posições, apesar de ter melhorado esse índice para 89,67. Já na última gestão, Belém permaneceu estagnada na mesma posição, só que desta vez com um indicador de 92,05.

Ou seja, Belém vem evoluindo, mas ainda num ritmo mais lento que as demais capitais. Isso faz com que a realidade das crianças paraenses ainda esteja distante da conquistada em Vitória (ES), que possui uma cobertura escolar de 96,57 pontos percentuais. Entretanto, está bem melhor do que a do vizinho nortista Porto Velho (RO), onde esta participação - nos tempos atuais - é de apenas 86,20.

“O aumento de cobertura escolar vai determinar no futuro - dependendo do combate à repetência - nível e desigualdade de educação, da força de trabalho, que por sua vez é o principal determinante imediato da pobreza e riqueza das cidades e das nações”, analisa Neri.

Crianças de 7 a 14 anos são as que têm mais acesso à educação

O município tem como responsabilidade constitucional zelar pelo ensino fundamental, recebendo para isso recursos federais transferidos exclusivamente para esse fim, porém, este ainda é um direito de uma minoria. Em Belém, quando se analisa o desempenho isolado por faixa etária, o estudo da FGV mostra que são as crianças de 7 a 14 anos que têm mais acesso à educação. Nesse caso, a cobertura escolar chega a 97,55 pontos percentuais. Um desempenho pouco abai-

xo do registrado como média nacional que é de 97,70.

Entre 15 e 17 anos, esse percentual cai para 88,08 e na primeira infância (de 0 a 6 anos) a situação é ainda mais alarmante: a frequência das crianças na escola é de apenas 44,98. Para se ter uma idéia, o município de São Luís (MA) - o nono da lista - tem uma cobertura escolar de 52,20 pontos percentuais. O que na avaliação da consultora em responsabilidade social e articuladora da Abrinq no Pará, Saphyra Ruffeil, é um grande

equivoco.

"O psiquê de uma criança se forma até os seis anos. Está comprovado que uma criança que não teve o devido atendimento nesse período, tem mais dificuldades de aprendizado do que aquela que teve. E ao observar essa situação, percebemos que se abriram mais vagas na educação infantil, mas ainda falta mais infraestrutura, melhor atendimento, capacitação e, principalmente, direcionamento de gestão para importância da educação", afirmou.

Na avaliação de Saphyra Ruffeil, medidas como a criação de fundos específicos para educação e a obrigatoriedade da capacitação de professores são medidas que ajudaram a criar uma nova plataforma para o futuro educacional do país.

“Se criou uma base. Os próximos gestores, independente de partido, têm que se preocupar com a educação. É um imperativo, não apenas para os setores públicos como nos privados. A revolução pela educação é lenta, mas é ela que

vai mudar a forma da participação popular na construção de um mundo melhor”, afirmou.

MÉDIO

Outro dado analisado pelo estudo da FGV é educação média dos brasileiros que representam a força produtiva do país. Ou seja, quanto tempo de estudo tem a população de 25 anos ou mais. No Brasil, a média hoje é de 8,9 anos de estudo, abaixo do ensino médio completo, mas em 1997, esse

percentual já foi de apenas 7,78. Uma evolução de 15,35% em 12 anos.

Em Belém, esse desempenho foi de 9,64% saindo de 7,74 anos de estudos, conquistados em 1997, para 8,49 anos, em 2008. Entretanto, foi entre o segundo e o terceiro mandato analisado que houve o maior progresso: de 5,43%. No ranking geral, em termos evolutivos, a capital paraense caiu da 21ª posição, para 22ª e no último mandato, para 23ª melhor desempenho nacional.

Desigualdades reduzem mas disparidades estão longe de ter fim

A Fundação Getúlio Vargas mostra que houve uma melhora gradativa no que diz respeito aos índices de pobreza nas capitais historicamente mais pobres. No geral, os últimos quatro anos registraram recuo de 38,2% em relação aos quatro anteriores em todo o país, com 11,21% nas capitais. Nesse sentido, a mudança foi melhor

sentida em Aracaju (SE) que nos últimos doze anos diminuiu a miséria em 70,25%.

Na avaliação do organizador do estudo da FGV Marcelo Neri, a década atual é, até aqui, de redução das desigualdades, embora as disparidades entre ricos e pobres estejam longe de ter fim. Além disso, continua havendo um abismo entre os

indicadores sociais nas regiões Sul e Sudeste, mais marcadamente a primeira, e o Norte e o Nordeste.

Em Belém, esse indicador caiu 19,88%, entre 1997 e 2008, sendo que grande parte dessa queda foi conquistada entre o penúltimo e o último mandato, onde a pobreza reduziu 43,19%.

É o que o taxista Irineu Ba-

tista da Silva, de 50 anos, vem percebendo nos últimos anos. Ao invés de apenas um emprego, hoje, ele tem dois. O aumento da renda também permitiu que a casa dele contasse não apenas com uma, mas duas televisões. Também têm espaços para dvd's, computador, celulares para cada um dos quatro membros da família e

uma mesa mais farta.

“Antigamente quase não comprava frutas porque era caro. Maçã era apenas para ocasiões mais especiais, agora não. Tenho condições de oferecer isso para os meus filhos”, afirmou.

Na percepção dele tudo isso foi fruto de mudança no direcionamento da política, mas também do esforço de cada

cidadão em correr atrás das oportunidades e fazer o país crescer. “Hoje eu tenho mais porque trabalhei mais para conquistar isso. A vida está mais corrida. Foi uma necessidade, não ia conseguir sobreviver no mercado como taxista se continuasse no mesmo carro, com as mesmas roupas e sem celular”, afirmou.